

Echos de Guimarães

SEMÁNARIO MONARCHEICO

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne
Redactor, Thomaz Rocha dos Santos
Administrador, Antonio Dantas
Redacção: Rua 31 de Janeiro
Administração: Rua de Payo Galvão, 70

Propriedade da Empresa
DOS
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão
Typographia Minerva Vimaranesse
68, Rua de Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

MISSA

A Comissão de Assistencia aos Monarchicos Pobres, d'esta cidade, manda celebrar na Igreja de São Domingos, ás 11 e meia horas do dia 1.º de fevereiro (quinta-feira,) uma missa suffragando as almas de Sua Magestade El-Rei o Senhor Dom Carlos 1.º e de Seu Augusto Filho, commemorando assim a tragedia de 1908.

A Conferencia do Sr. Dr. Cunha e Costa na Liga Naval e o conflicto que elle gerou.

Lemos no «Primeiro de Janeiro», nas notas politicas:

Deu-se o que eu previra na minha *Nota politica* de quarta-feira passada. Os integralistas, no proposito de demolir o sr. Cunha e Costa, provocaram um escandalo durante a conferencia d'este politico na Liga Naval, interrompendo-a com vivas á lei do divorcio. O sr. Ayres d'Ornellas mandou pôr fóra da sala os manifestantes, entre os quaes se contavam os snrs. conde de Monsaraz, Antonio Sardinha, Hipolyto Raposo e João do Amaral, havendo á sahida troca de bengaladas, e regalos de senhoras pelo ar. Muitos dos assistentes acompanharam os integralistas, solidarizando-se com elles. Parece que os descontentamentos dos realistas contra aquillo que elles chamam os *adhesivos azues e brancos*, tendem a augmentar, dizendo-se que o sr. dr. Cunha e Costa, magoado com o succedido, não voltará a fallar na Liga Naval. Vae publicar-se um jornal integralista, intitulado segundo uns, *Tradição*, segundo outros *Monarchia*, para proseguir na obra de demolição das figuras cotadas do partido monarchico que os manifestantes de ante-hontem á noite consideram perigosas para o triumpho da ideia realista. Consta que o sr. Ulrich, com quem o sr. Ornellas falou pelo telephone, disse ao logar-tenente do sr. D. Manoel que nada tinha com o integralismo e que o deixassem em paz.

E' lamentavel, é profundamente lamentavel a desorientação em que andamos.

Certamente os jornaes que fazem parte da ala dos namorados na politica monarchica e que constituem o grupo dos integralistas, são rapazes de grandes talentos e de preclaras virtudes, mas o sr. Dr. Cunha e Costa, é tambem, e a ninguem é licito contestá-lo, um altissi-

mo e cultissimo espirito, um homem d'uma rara perspicacia, possuindo no mais elevado grau a arte sublime de persuadir e encantar.

No sr. Cunha e Costa, não sabemos que mais admirar: se o vigor dos seus silogismos se a magia da sua arte de bem fallar. Ora os homens assim são raros, e quando a fortuna permite que um homem d'estes se ponha ao serviço d'uma causa, aquelles que nella interessam devem dar-se por satisfeitos e por felizes.

Não comprehendemos pois a attitudo dos integralistas na Liga Naval. Questões pessoas não era para ali, nem para aquella occasião resolvê-las; discordancia politica, quando o conferente estava precisamente a desenvolver toda a sua arte para incutir esperanza e elevar os corações, não faz positivamente sentido. De sorte que nos perdemos no mar das incertezas e das conjecturas, nós e toda a grande familia monarchica, que só poderá vingar a sua causa com a convicção de marchar unida.

Não são tantos os que por ella se sacrificam, que seja licito a alguém tentar afastar quem quer que seja que lhe não agrade, por mais insignificante que seja o seu merito, por mais modesto que o seu concurso possa ser; mas quando esse alguém é tão grande, chega quasi que a ser um crime de leso patriotismo tentar privar a nossa causa de um tão denodado e valioso defensor.

Que se não diga que querem derrubar a montanha porque é alta; que se não diga que querem apagar o sol porque ofusca: as aguias fitam o sol e fazem os ninhos nos cumes dos montes e os outros animaes amam o sol que lhes dá calor e vida e amam a montanha que lhes dá as frescas virações e os panoramas largos.

Não é o sr. Cunha e Costa integralista? Não o ser será já considerado um crime? Por Deus, senhores, a intransigencia nunca deu nada em politica. Censuram o sr. Cunha e Costa por ser um adhesivo azul e branco? Mas que somos nós todos senão adhesivos, que somos nós todos senão atomos que adherindo uns aos outros formaremos o grande bloco?

E depois, adherir para os riscos, os trabalhos e as canceiras, não é positivamente o mesmo que adherir a quem se propõe regalar-se com banquete lauto á custa alheia.

Paz, senhores, paz, concordia e harmonia. Bem nos basta a nós monarchicos lutar-mos, nós os poucos que nos sacrificamos, contra a inercia e cobardia dos nossos correligionarios e contra o interesse exclusivista dos catholicos; não nos faltava mais nada senão dividirmo-nos em grupos puxando cada qual ao sabor das suas philosophias.

Transijamos uns com os outros nos nossos pontos de vista secundarios, desculpe-mos mutuamente os nossos pequenos defeitos, e unam-nos todos para a defeza do ideal commum; elle é tão alto e tão nobre que pequeno sacrificio será, ainda para os maiores de entre nós, abdicar do seu personalismo e da gloria ou proveito que elle lhe possa trazer.

TELEGRAMMA

Da Junta Central recebemos o honroso telegramma que passamos a transcrever, agradecendo reconhecidos os amaveis cumprimentos que nos dirige.

A' Junta Central offerecemos as columnas d'este modesto semanario que se julgará muito honrado com a sua collaboração.

Lisboa, 24

A. Carvalho Cyrne.

Tomando conhecimento valiosissima adhesão V. Ex.º principios integralismo lusitano saudamo-lo entusiasticamente e contamos seu denodado apoio para triumpho ideias que defendemos — A Junta Central.

«O Liberal»

Tinhamos escripto uma local para ser publicada no nosso ultimo numero, local referente ao reaparecimento do nosso querido collega da capital *O Liberal*.

Por esquecimento essa local não foi publicada, o que sinceramente nos desgostou, pois é sempre para nós motivo de grande jubilo saudarmos um collega, e demais a mais como *O Liberal*, que é um collega esforçado, amigo e destemidissimo.

E', pois, com sincero jubilo que hoje o saudamos, protestando-lhe toda a nossa sympathia e solidariedade.

Os embofias

Ha por ahí muita boa alma que não gosta da republica e comtudo a republica tem feito coisas que a monarchia não faria. Pela sua mirifica prestigiação conseguia dar vulto e relevo a muitas nulidades que, a perdurar a *ominosa*, nunca sahiriam das sombras do anonymato nem metteriam figura na sociedade. Ella investiu nas altas honras de regedor e administrador a individuos que antes do actual regime não eram falados, nem tinham cotação nem consideração alguma. Eram desconhecidos e talvez desprezados pela sua tortuosidade moral. Alguns são de letras gordas e curtos de intelleção; outros são materia apta para tudo que se queira. Não padecem de escrupulos de consciencia. Para elles é bom tudo o que lhes aproveita; e vivem á vontade dentro dos limites d'esta moral que veem exemplificada nas mais eminentes figuras dos seus partidos. Pois estes representantes da auctoridade querem ser gratos a quem os fez emergir da sombra que os envolvia. E como os titereiros que os movem, lhes encasquetassem na mioleira, que a reacção é bicho feio e perigoso e que sob mil disfarces tenta entrar em toda a parte, elles como olheiros sollicitos andam na sua caça. E, movidos d'aquella ideia fixa, afigura-se-lhes vê-la a cada passo. E, quando radiantes de alegria, vão a lançá-lhes a mão, ficam desconsolados ao verem que não apanham nada.

E' nas igrejas e nas associações piedosas que elles afuroam o damnado bicho que tanto medo lhes mete. Por causa das reuniões nas igrejas e nas Juventudes Catholicas correm perigo as instituições, estremece a ordem publica, esmorece o progresso. As causas dos males que a sociedade está soffrendo não estão nos lupanares que corrompem a mocidade, nas sociedades anarchistas que despedaçam os vinculos do Estado, na maleza das ideias dissolventes que se pregam abertamente nas praças e nas ruas, no egoismo brutal que se estadeia em toda a parte, na immoralidade do partidario faccioso que só olha aos amigos, no patriotismo oco e paroleiro dos politicos que tudo estragam; não, as causas dos nossos males, da fome que nos espreita, da indisciplina que alastra, da desordem que anda infrene, são, a juizo d'alguns regedores e

administradores do novo regime, as ideias que se pregam nas igrejas, as manifestações religiosas que se fazem nas ruas, as sessões de instrucção e recreio que se celebram nas associações catholicas. Aqui é onde está o perigo, o grande perigo que pode levar a nação á ruína. E por isso alguns regedores e administradores andam de naris ao vento a ver onde podem exercer a sua auctoridade e mostrar que tambem são gente.

Pode-se lá tolerar que nas Juventudes Catholicas, formadas de cidadãos no uso dos seus direitos, se façam apreciações da politica dos governos ou dos partidos?

A liberdade é ver e ouvir todos os disparates dos nossos estadistas da ultima moda e calar. E não repararam, os que escolhem uns taes regedores e administradores, em que está ahí o maior desprestigio da auctoridade, o fermento da rebellião e o germe da anarchia.

Se todos os depositarios do poder fossem o que deviam ser, prudentes, justos, conciliadores, não haveria tantas desordens, tantos motins, tanta indisciplina.

P. A.

A Conferencia da Juventude Catholica

Noutro logar transcrevemos de *A Liberdade*, o relato do que se passou na 2.ª feira ultima, no Theatro D. Affonso Henriques, por occasião da conferencia alli realisada.

Discutir o procedimento da auctoridade, a maneira como se houve, achamos desnecessario, pois todos os assistentes, com exclusão de meia duzia, lhe patentearam o seu desagrado.

Nós, que assistimos á conferencia do Dr. Francisco Velloso, acompanhamos os protestantes, já por acharmos descabida a interferencia da auctoridade, já por ser da mais absoluta verdade esse bello e eloquente trabalho d'aquelle nosso amigo, a quem mais uma vez saudamos com a estima e admiração, que é devida aos honrados caracteres e aos homens de bem.

Abraçando Francisco Velloso, protestamos-lhe toda a nossa estima e a nossa admiração pelas suas virtudes civicas e moraes, tendo nelle um collega illustre e destemido que ao serviço da Igreja tem prestado e prestará ainda, os melhores serviços.

Os nossos affectuosos cumprimentos, que traduzem a muita estima em que por nós é tido.

«Boycottage», conservadora

O nosso illustre collega a «Liberdade», anda empenhado em uma campanha patriótica e moralisadora.

Preconisa elle a necessidade que os conservadores teem, em seu proprio proveito, de retirar todo o auxilio aos negociantes que ostensiva e acintosamente proclamam as suas ideias politicas contrarias aos interesses dos conservadores.

Não faz na verdade sentido que sendo elles inimigos declarados da ordem e da disciplina, aquelles que com taes ideias são sacrificados, vão, com o seu dinheiro, animal-os a continuarem a incommodar-os e a oprimil-os.

O commercio não deve ter patria nem politica, mas quando elle quizer desprezar esta boa norma, é perfeitamente justo que os que com isso soffrem se defendam.

Damos a palavra ao nosso illustre collega, que melhor do que nós elucidará o leitor sobre o momentoso assumpto.

Uma campanha urgente e necessaria

I

A ideia de ha tempos lançada da necessidade que os conservadores portuguezes, e de um modo muito especial os monarchicos e catholicos, teem de ajudar os seus irmãos em crenças religiosas e politicas, e de que nós fizemos echo nas columnas do *Diario Nacional*, mereceu a toda a Imprensa catholica e monarchica do paiz os mais rasgados elogios. Cabe á *Liberdade* a gloria de, primeiro do que ninguem, ter advogado esta doutrina no seu numero de 15 de Novembro de 1916.

Felizmente hoje tudo se prepara e todos os trabalhos se encaminham para que essa ideia se realice e se leve a cabo, sem hesitações ou complacencias que no caso sujeito seria um crime. Quem estas linhas escreve conhece de perto, nos carceres e no exilio, soffrendo corajosamente pelos seus ideaes, sem um instante de desanimo ou um momento de fraqueza, centenas de homens de todas as condições sociaes, desde antigos ministros, vivendo com privações, até modestos empregados publicos, commerciantes e industriaes, que tudo sacrificaram em prol dos seus ideaes—futuro, consideração, e não só o seu como o de sua familia. Nem um instante só, elles—esses heroes obscuros e sacrificados—tiveram uma palavra de desespero ou um movimento de pesar pelo que tinham feito—os que alguma coisa tinham feito, e não eram antes victimas innocentes de mesquinhas vinganças a satisfazer ou profundos rancores a saciar.

Todos elles sahiram tarde ou cedo. Uns, com o futuro perdido e aniquilado; outros com a vida a consumir-se, com os filhos a morrer de fome, de braços nus a estenderem-se á caridade, enquanto os seus verdugos se refastelavam em opiparos banquetes e passejavam em luxuosos automoveis.

E a vida ficou-lhes cortada cerce; o futuro ficou-lhes da mesma negrura que deviam ter os seus sonhos nas lugubres masmorras dos presidios. Os que eram commerciantes ou industriaes, viram perdida a antiga clientella que tinha ido engrossar a do visinho. E essa clientella não voltou. Monarchia e catholica ella enriquecia o carbonario, o jacobino ou o maçõ, que escarnecia a sua fé; que batia e escarrava vilmente o correligionario preso, e deixava este na maior miseria, a definir-se pela fome e pelas privações, a vêr morrer numa agonia lenta e desesperadora os filhos, pallidos espectros famintos, e a vêr debater-se no leito da morte, tísica, (conhecemos 3 casos) a esposa, de pallido e triste sorriso. Esses homens não desanimavam, todavia.

E a multidão jacobina ria e ia empaturrando os ventres outrora famelicos. A situação ainda não mudou. Ella continua na mesma crise aguda; e os monarchicos, e os catholicos continuam por ahi vegetando miseravelmente, quando não morrendo á fome. Ora é preciso que esta situação termine. Para isso se esboçou este movi-

mento que não é de ataque, mas sim de legitima defesa.

Porque é necessario que frise-mos este ponto, nós só queremos defender os interesses dos nossos amigos e dos que conosco commungam nos mesmos ideaes.

Fazemos o mesmo que elles fazem.

Ajudamo-nos, como elles se ajudam.

De resto, os jacobinos ou os maçons não teem que estranhar esta attitude; antes a devem achar logica e natural. Não faz sentido que o commerciante A, o medico B, o advogado C ou o industrial X, que nas chafaricas maçonicas e nos gremios demagogos, escarnecem a religião e planeiam perseguições contra os seus adversarios politicos, sejam os que cá fóra abarrotam as gavetas com o dinheiro tão odiado e se dobram em salamaleques perante aquelles cujos sentimentos escarnecem e ridicularizam.

Pôde lá conceber-se que eu, monarchico e catholico, vá amanhã concorrer para que, o que me insulta, o que bateu ou escartou os meus amigos, que os sepultou mezes e mezes em lóbregas enxovias, e lhes cortou o futuro, aniquilando-o, se locuplete á minha custa? E o que hei-de eu fazer ao amigo que foi espancado e maltratado por ter a crença que eu professo? Abandonal-o é uma covardia, e é um crime.

Não queiramos, pois, ser covardes ou criminosos. Auxiliemo-os, que reciprocamente nos auxiliamos.

Abaixo os respeitos humanos; as vãs contemporisações; as considerações pessoais. Nem elles precisam de nós, do nosso dinheiro ou do nosso auxilio; porque somos poucos, dizem, sem valor e sem importancia; somos uns párias que nem sequer temos direito á vida; nem nós precisamos de ir concorrer com as nossas parcas migalhas para que se avolume o thesouro dos nossos inimigos.

Importa extremar os campos. Extrememo-los, pois. E teremos assim cumprido um indeclinavel dever de consciencia e coração, com o que lucraremos todos.

Folgamos em poder levantar bem alto a cabeça, e fallar sem receios, porque foi a *Liberdade* o primeiro jornal que lançou a ideia. Ella germinou. E agora que vai entrar em via de realisação sejamos um por todos e todos por um, e o triumpho será nosso.

Luiz Abrantes.

Começaremos amanhã publicando uma serie de entrevistas com vultos importantes do nosso meio social, sobre este momentoso assumpto, e por onde se demonstrará o bom acolhimento que a nossa ideia teve no meio conservador, não só do Porto, como do paiz inteiro.

L. A.

Regresso ao passado

Começa a esboçar-se uma reacção salutar a favor do passado.

O que nos faz recordar os tempos que lá vão, os costumes e as tradições, vai tendo um culto assaz animador. Já nem tudo o que nos pertenceu é desprezível e numerosas pessoas procuram, guardam e tentam restaurar as peças velhas de mobiliario antigo, louças, objectos, pequenas coisas que o pó do tempo ia escondendo.

Reapparecem as camas de elegantes doces e talha trabalhada, de altos cortinados e largos guarda-pés, as cadeiras de couro velho, encosto alto e largos pregos amarellos que o tempo cobrira a azebre, os tapetes, os leques de tartaruga, as mezas de pé torcido, os canapés de garras aduncas e

polidos pelo uso dos nossos velhos avós, tudo isso vai surgindo das aguas fortadas ou lojas escusas para occupar o lugar d'onde a força foram arrancados pelo espirito modernista.

Na escala do pensamento tambem alguns novos começam a apreciar os estudos e verdades antigas e procura-se, com bastante ardor, uma integração no passado que fez grande o nosso Portugal. Remexem-se os archivos fazendo surgir á luz dos curiosos e dos estudiosos as lições occultas na escuridão das estantes e livrarias dos monges.

Paralelamente vão sendo admirados, devidamente apreciados e estimados os velhos solares, os velhos templos, os velhos edificios, todos esses exemplares ricos de arquitectura tão espalhados pelo nosso paiz.

Ainda bem que assim é. Para esta evolução muito tem concorrido as publicações ligeiras do nosso paiz—illustrações, almanacks, bilhetes illustrados e isto na falta de outros meios mais efficazes, que não existem entre nós. O trabalho do sr. José Agostinho traduzindo a «L'Art» franceza alguns serviços prestou, mas além do seu caracter de lições para creanças, é muito deficiente na parte que diz respeito a Portugal. Outras publicações ao alcance de todos não conhecemos em portuguez.

Felizmente está prestando neste sentido um grande serviço ao seu paiz o illustre gravador portuense, sr. *Marques de Abreu*, dando á publicidade, com um arrojado que não é vulgar entre portuguezes—a sua «*Arte Romanica*» em Portugal, onde collecciona os nossos principaes monumentos románicos, e promettendo outros estudos sobre os diversos estylos architectonicos do nosso paiz. Creemos que alguns d'ali sahirão para os que quizerem e tiverem amor ás nossas coisas e desejos de conhecer e estudar.

Quando o gosto da arte estiver bem radicado no espirito do nosso povo, não será sem protestos que se farão essas mutilações, destruições e selvajarias que vamos presenciando todos os dias.

Portugal foi grande no passado e ha-de ser no culto do passado que ha-de buscar a força que o fará grande de novo.

E' nossa fé sincera.

José Corrêa de Mattos

E'-nos muito agradável noticiarmos as melhoras d'este nosso presado e querido amigo e dedicadissimo correligionario, motivo porque o felicitamos sinceramente.

O Snr. Pina Censor

Promettemos no nosso numero anterior apresentar ao respeitavel publico o snr. Pina nas suas funções de Censor, e garantimos que essa exhibição lhe daria prazer, porque lhe daria alegria.

Vamos crumprir a nossa promessa reeditando os artigos, noticias e comentarios que systematicamente estragava, umas vezes por criminoso complicitade com os individuos visados, e outras por absoluta inconsciencia.

Antes porém, (isto vai de vagar, que temos muito tempo deante de nós, vamos contar ao leitor por que artes appareceu o Snr. Pina, sargentão ignorante e ordinario, a substituir o Snr. General Flôres, homem culto, honesto e educado:

Andavamos nós a fazer a critica aos actos do snr. Madureira Administrador, referentes a questões do pão que no passado anno tanto affectou os productores e

consumidores, em proveito de meia dzia de açambarcadores sem alma, e os do sr. Marianno, Haussman de pacotilha, que se propôs fazer da pelle do contribuinte um pedestal á sua gloria.

E' claro que, como no regulamento da censura, nenhum artigo havia que impedisse de se criticar os actos de taes entidades, o Sr. General Flôres, que não era cúmplice nem do sr. Madureira nem do sr. Marianno, deixava, como devia, passar o que se escrevia.

Mas como o snr. Madureira queria socegradamente beneficiar os seus administrados fornecendo-lhes o pão por mão dos benemeritos intermediarios, e o sr. Marianno não desistia do fim altruista de tributar o pão de trigo—luxo de ricos—para fazer face aos encargos que o grande emprestimo camarario acarretava ao concelho, concluiam-se os dois com o sr. Pina—pau para toda a obra—e chamaram a capitulo o Sr. General Flôres, a quem pediram, com as lagrimas nos olhos, puzesse cobro ás patifarias cá da gazeta.

E' claro que o Snr. General, que tem o coração duro, não se commoveu, e d'ahi procurarem os queixosos, por todos os meios, inutilisal-o, desgostando-o.

S. Ex.º continuou imperturbavel no desempenho da obrigação em que se encontrava investido, sem sahir para fóra do regulamento, mas, como esta subjeição, esta disciplina nada teem de democraticas, começaram os santos varões a pensar na fórmula de o fazerem entrar na ordem.

D'ahi as queixas aos bonzos superiores, reforçadas pela rethorica caracteristica dos correspondentes locais de gazetas latrinarias de Lisboa e Porto, do que resultou para nós algumas querellas e suspensões, e para o Snr. General uma advertencia ou reprimenda, disparada dos altos ceus da governação.

E' claro que o Snr. General Flôres, que é da escola antiga em que se não comprehende um militar sem brio, os mandou logo passear até á torre do Bugio.

Era precisamente isso o que se pretendia; assim, ficavam as coisas muitissimo bem: ficava a commissão composta apenas de dois membros—um illustrado e outro quasi analfabeto, mas como este tinha mais galões, assumiu elle o facil encargo de fazer a critica ao trabalho alheio.

Da fórmula intelligente, imparcial e honesta—não direi patriotica por isso ser pleonastico, já o snr. Guimarães diz que onde está um democratico está um patriota e um homem de bem—por que o snr. Pina se desempenhou do encargo que por processos tão correctos assumiu, vai o leitor fazer ideia quando lêr o que o snr. Pina cortou. Estamos convencidos que depois de os lêr, não resistirá ao desejo de chamar ao snr. Pina—Pinacorta, ou Pinatorta, se preferir, e verá que lhe não faltarão razões para isso.

Tenha o snr. Pina paciencia, mas as patifarias, tarde ou cedo, sempre se veem a saber, e a contar. No p. n.º do p. dia 11 começaremos a dançar.

Em Guimarães

A «União sagrada», em loco

Uma sessão accidentada

Realisou-se na passada segunda-feira pelas 9 da noite no Theatro D. Afonso Henriques a sessão solemne de encerramento dos trabalhos da florecente J. C. Vimaranesense, no anno findo, que a auctoridade havia prohibido por sua conta e risco. Vai o leitor vêr como esta sessão se transformou numa prova clara de que vivemos em... *união sagrada*. O theatro estava plenamente occupado pelo que Guimarães tem de mais dedicado á causa da Igreja e da Patria, pelo que Guimarães conta de distincto, e achava-se brilhantemente engalanado.

Abriu a sessão o digno presidente da J. C. de Guimarães, sr. Manoel Freitas, cuja dedicação, intelligencia e sensatissima direcção teem sido muito notaveis, secretariado pelos dignos 1.º secretario e thesoureiro da J. C., infatigaveis obreiros da Boa Causa. Descreveu os trabalhos do anno findo, disse qual o fim da sessão e depois de traçar o perfil dos oradores, apellou em brilhantes palavras para o auxilio de todos, sendo muito applaudido.

O sr. Arthur de Freitas recitou sentidamente uma poesia «No hospital».

A tuna da J. C. apresentou-se muito bem sob a direcção do seu incansavel regente.

Depois o snr. presidente dá a palavra ao primeiro dos oradores inscriptos, o sr. dr. Francisco Velloso, que a assembleia sauda.

Começou o orador por mostrar as difficuldades que o assediavam ao fallar nesta hora de tristezas. Tirava, porém, alentos do cumprimento do seu dever de camarada e amigo dos jovens catholicos vimaranenses, que dirige no Norte. Vinha a indicar-lhes o unico caminho na hora presente, a dizer-lhes que continuem a ser patriotas acima de tudo, e a proposito o orador desenvolve com toda a precisão a doutrina catholica a respeito do patriotismo, provando que a Igreja dá-lhe o mais bello significado e só ella, pela doutrina da expiação, explica a crise que atravessamos.

Cahem pela base as infames accusações de anti-patriotismo que os adversarios nos dirigem, mas se elles ainda exigem provas praticas, evidentes, do nosso amor a Portugal dir-lhes-hemos o nome dos membros da J. C. Portugueza que estão nas fileiras o o dos padres que já se ofereceram para acompanhar as tropas expedicionarias! A sua coragem, a sua dedicação contrasta com o zelo d'aquelles heroes paisanos que em hora de muito menos risco atacavam presos politicos no meio das escoltas... (Applausos).

Mas, diz o orador, o nosso patriotismo, o patriotismo do catholico não é aquelle defendido por certa philosophia moderna que substitue o ser pela ideia e o dever pelo sentimento.

O patriotismo do catholico é um dever e uma virtude. Ideia e sentimento não passam de equívocos termos, significando phenomenos subjectivos. O ser e o dever são realidades cujo absoluto se nos impõe.

A Igreja de Deus e a Patria Portugueza são inseparaveis. Sendo activos o nosso amor-patrio e a nossa crença, analysemos a situação actual. O orador demonstra que a crise portugueza é essencialmente moral e portanto essencialmente religiosa, citando *factos* e tirando d'elles as devidas lições. E ao analysal-os, pergunta qual o remedio para os nossos males. O remedio está indicado na divisa da Juventude Catholica Portugueza: a piedade, o estudo e a acção. Disse que é preciso viver intensamente a vida religiosa, frequentando os Sacramentos, e descreve o poder maravilhoso da Sagrada Eucharistia nas almas heroicas dos soldados da heroica França. Catholico pratico é em primeiro lugar catholico piedoso. (Apoiados).

Passando ao campo do estudo, diz que é preciso conhecer a fundo a doutrina que professamos, desde as bases irrefragaveis do cathecismo até ás discussões da apologetica scientifica, e aponta nos Circulos d'Estudos, obra urgentissima, o laboratorio das elites. No capitulo da acção, requere-se em primeiro lugar obediencia e filial affecto ao Pontifice Romano, cuja acção durante a guerra esboça, e a quem presta em nome dos jovens catholicos do norte uma profunda homenagem de crenças e de latinos porque Roma é a capital do espirito humano e da civilização cristã. Junta esta homenagem á de todos os governos beligerantes, a do mundo inteiro, com excepção dos obtusos governos portuguezes que aboliram a nossa representação diplomatica no Vaticano.

Nesta altura o snr. administrador do concelho que se melindrara com o orador ter chamado *obtusos* aos governos radicaveis, como se o epitheto, cujo significado não alcançou, lhe batesse na testa, ordenou que fosse suspensa a conferencia e o sarau.

O orador protesta contra o arbitrio da auctoridade cuja resolução communica á assembleia. Esta brada: abaixo a violencia! Ouvm-se vivas ironicos á *união sagrada*! E estala uma pateada estrondosa.

O administrador então procura justificar-se repisando a nota falsa de que o orador se referia ao governo, o que fóra prohibido. D'um camarote e de um outro lugar surge um timido *apoiado*, que assembleia abafa com novos applausos aos oradores e á J. C. Vimaranesense. O administrador tentou fallar e diz então que pode recomecer o sarau com a condição de que se respeitem as suas ordens... absurdas.

O sr. dr. Francisco Velloso retomando o seu lugar declara que assim as considera porquanto não se referiu ao governo actual, mas genericamente ao Estado radical, como o administrador poderia comprehender e todas as pessoas intelligentes entendem. A assembleia apoia estas palavras e o discurso reenceta-se.

Referindo-se á acção catholica o orador diz que é preciso crear, propagar as J. C., e obras sociaes de organização catholica das classes, mostrando o que

se faz no estrangeiro e já se começa a fazer no paiz.

Mas, diz, é preciso não esquecer a acção cívica, a defeza das nossas liberdades de crentes! Luctar pela liberdade é sempre bello, mórmente quando sem ella é uma patria que morre, sob o poder illegitimo da oppressão. (Applausos.)

E mostra, sempre com factos, que a liberdade não existe; que na escola se malsina e deturpa propositadamente a historia pátria; que na escola se ensinam a creanças tenras casos de reprodução animal; que os anarchistas teem licença para prégar o internacionalismo anti-militarista, com avisos publicos das suas reuniões nos jornaes, mas que se encerram associações catholicas só porque querem formar bons cidadãos para o seu paiz; que ainda as auctoridades conservam encerrados alguns templos do paiz e outros são destruidos e profanados, neste momento em que só nos templos se retemperam as almas portuguezas para as agruras medonhas da guerra!

Salta do seu camarote outra vez o sr. administrador, como ferido na asa: —Eu previno o orador de que não se refira a auctoridades, do contrario corto-lhe a palavra!

O sr. dr. Velloso responde: —V. Ex.^a deve de saber que só ha censura sobre os assumptos militares. Estou citando factos que os jornaes publicam livremente. De resto, continuarei a dizer o que entendo. V. Ex.^a cortar-me-ha ou não a palavra como quiser, na certeza de que eu protestarei e de que as desvantagens serão todas para V. Ex.^a...

O administrador então prefere callar-se.

O orador continua prégando a defeza da liberdade da Igreja. Ella está com as tradições gloriosas do paiz. Recorda que mais do que os modernos democratas valiam os juizes do Povo antigos, os homens da Casa dos Vinte e Quatro, que escreveram o principio da velha nacionalidade: nós somos livres, o nosso rei é livre; e que affirmavam nas côrtes de 1641 o principio da responsabilidade real que hoje não teem de facto muitos chefes de estado...

Retrogrademos ás fontes da tradição nacional, termina o orador, só ella nos dará a grandeza d'outrota, e nos garantirá o futuro d'esta bendita Terra de Portugal!

Uma larga ovação coroou estas ultimas palavras do orador.

A tuna da J. C. executa um trecho, sendo muito applaudida. Segue-se a fallar o brilhante orador que é o sr. Padre Julio Barroso. Mas sua ex.^a declara-se coacto em face das instruções da auctoridade. Não quer fallar de baração ao peçoço. O sr. presidente assim o transmite á assembleia, encerrando a sessão.

Ouvem-se vivas á J. C., á liberdade, ao Padre Julio Barroso e abaixo ao arbitrio!

O administrador abandonou logo o camarote, talvez para não ouvir estas manifestações, consta-nos que disséra depois que não queria mal á J. C. e que não comprehendera bem as palavras do primeiro orador. E' natural, cada um dá o que tem e o sr. Leite... nem leite dá!

• Eis o relato da sessão de Guimarães. Viva a união sagrada!...

PIOS

Mudança proficua

Foi transferido de bordo do «Vasco da Gama» para o «Almirante Reis», o sr. Machado Santos, por se terem aggravado os seus antigos padecimentos dos bronquios.

Bem pensado e suggestivo! Com effeito o almirante Reis deve ser muito mais secco do que o Grande Almirante dos Mares das Indias.

Este sempre andou por mares nunca d'antes navegados, e o outro navegou de preferencia em terra firme.

Politica republicana

No Guild Hall

Lê-se no Evening Standard de 11 do corrente que o unico incidente exterior notavel, da sessão em que Lloyd George fez o seu primeiro discurso lançando o novo emprestimo britannico, foi o grande brado d'acclamação quando El-Rei D. Manuel foi reconhecido entre os espectadores.

Por que diabo seria que o Sr. D. Manoel foi aclamado pelos ouvintes do Sr. Jorge?

Apparelho amphybio

Do «Diario Nacional»:

Apparelho para levantamento de navios

S. PAULO, 20—O engenheiro inventor do aparelho para o levantamento dos navios naufragados procedeu, hontem, com grande successo, ás experiencias no jardim de aclimação, na presença das auctoridades do Estado. O inventor vai apresentar o aparelho ao almirante Alexandrino de Alencar, ministro da Marinha.

Que diabo levantaria o homem, no jardim de aclimação, com o seu engenho de levantar navios? Naturalmente algum mastro cahido.

Do mesmo illustre collega:

No seu posto

Intitula se «Problema Pedagogico» uma carta que hontem publicava no Mundo o sr. Thomaz da Fonseca, senador, e auctor do celebre projecto de lei sobre a preservação moral das creadas de servir.

E' uma epistola philosophica dirigida ao sr. João de Deus Ramos, deplorando que na serie educativa dos «Livros do Povo» se tenha incluido o volume intitulado A Terra e o Ceu (Amor de Deus).

Assim pondera o immenso pedagogico:

A meu ver, a creança devem ministrar-se-lhe apenas ideias muito rudimentares de coisas que ella possa comprehendere e, se possivel fór, verificar, não lhe embarcando nunca a intelligencia com as nebulosidades e mysterios que o passado tem trazido até nós, por intermedio dos deistas e theologos de todas as religiões conhecidas.

O sr. Fonseca é sincero neste vehemente grito pela salvação das jovens intelligencias. Como foi muito annos seminarista e se sente tolo, está ingenuamente convencido de que foi a sua educação theologica que o poz assim.

Do que elle se não lembra, é que quando entrou para o seminario já levava na cachimoma os mesmos miolos, que haviam de distillar mais tarde o projecto de lei da fiscalisação peripatetica das cozinheiras e creadas de voltas.

E' obvio que os theologos de Coimbra, não sendo thaumaturgos, não podiam transformar num ser pensante aquelle infeliz candidato, e por isso acabaram por o lançar á margem; vindo por fim o sr. Fonseca a tomar na escala zoologica o logar, que lhe competia, de senador da Republica.

E' para que saiba que não se altera assim o plano da Creação.

Bem dada bola! Buffon e Linnew não deixariam de felicitar o seu novo collega pela sua maravilhosa descoberta.

Vantagens praticas que nos advirão da nossa comparticipação na guerra

Palavras do nosso amo e senhor:

O governo portuguez aguarda sereno os juizes da Historia, porque tem a consciencia de que foi mandatario da nação e zeloso depositario da sua honra.

E' cedo para se apreciar possiveis vantagens da attitude que Portugal assumiu perante a conflagração europeia. Ellas dependem da marcha dos acontecimentos. Uma, porém, lhe está já plenamente assegurada—é a de se ter affirmado um povo digno das tradições do seu passado e com esperanças do seu futuro, digno da sua liberdade e da sua independencia; digno da nobre civilisação em que o direito e a justiça são noções sagradas e inviolaveis.

Não ha duvida nenhuma: parece mesmo que estamos no tempo

em que um conselho de D. Afonso IV lhe disse em Coimbra que seria soberano em Portugal enquanto velasse pela segurança e bem estar do reino, senão, não.

Diz mais sua inselencia:

Saúda o paiz. A honra de o representar neste momento culminante da existencia nacional basta para o compensar das agruras da missão que lhe tem sido dado desempenhar.

A nós tambem. A honra de sermos representados por tão eximio patriota tambem basta para nos compensar da perda de vidas e fazendas que essa honra nos custa.

Diz mais sua inselencia:

Já se chamou a esta guerra a guerra das pequenas nacionalidades, e é certo, porque o imperialismo allemão ainda não soube senão esmagar pequenos povos. Portugal é uma d'essas pequenas nacionalidades, com profundas raizes historicas e um patrimonio colonial conquistado á custa de heroismos de que a humanidade largamente aproveitou. Portugal defende a sua vida e defende o seu patrimonio. Para isso derramará o seu sangue até a ultima gotta.

Mas o que sua inselencia nos não diz é quem poz em risco a nossa vida e o nosso patrimonio.

Palavras do Sr. José Barbosa, deputado ou talvez senador

Sobre as pensões militares, a que passa a referir-se, diz que foi no interesse de tão importante medida que duas vezes tentou fazer publicar a censurada local, pela qual se prova a incapacidade do ministro que tripudiou sobre o poder legislativo, estribando-se na força e desprezando a lei. Um regimem que tem ministros d'estes não se pode chamar uma Republica. Quanto ao orador, o governo só tinha que agradecer o ter-se tratado do assumpto, evitando-se uma desigualdade flagrante. Assim, o poder civil submette-se ao poder judicial e d'ahi a arbitrariedade flagrante em que se vive.

Quanto á retenção do jornal de que é director no gabinete do ministro, tem a informar, que as provas, indo para ali ás 7,30, só eram restituídas ás 10 horas, tarde, muito tarde para a sua venda.

Termina dizendo que o sr. Norton de Mattos, por mais que faça não o atingirá como republicano.

Se um governo que tem ministros d'estes se não pode chamar uma ré publica, que demonio se poderá chamar?

Boato sem pés nem cabeça

A «Opinião» publica hoje o seguinte: «Correu hoje o boato de que o sr. Norton de Mattos pedira a demissão de ministro da guerra a fim de ir commandar um batalhão de infantaria na frente franceza. Esse boato foi terminantemente desmentido nas regiões officiaes».

Pois não faltava mais nada senão o Sr. Norton ir para a guerra. Se elle para lá fosse, quem nos havia de acudir?

Dr. Mattos Graça

Teve a gentileza de nos vir cumprimentar o nosso valioso correligionario e muito dedicado amigo Dr. Mattos Graça.

Agradecemos-lhe penhorados a sua amavel visita e d'aqui lhe testemunhamos a nossa estima e consideração.

Carteira Elegante

Tem estado nesta cidade a nossa illustre patricia ex.^{ma} Senhora D. Maria do Carmo Martins, dedicada esposa do nosso querido amigo e nosso distincto director sr. Antonio de Carvalho Cyrne.

Com sua ex.^{ma} esposa e filho, regressou a sua casa da Lama, o nosso illustre e presadissimo amigo sr. dr. João Santhiago.

Esteve doente, mas já se encontra em vias de restabelecimento, o sympathico filho primogenito do nosso querido amigo sr. Dr. José Maria de Moura Machado.

Vae melhor dos seus incommodos o nosso estimado amigo sr. Alvaro Costa Guimarães.

Continua melhorando da sua saude a ex.^{ma} Senhora D. Maria Olympia da Cunha Guimarães.

Está em vias de restabelecimento o nosso illustre amigo sr. Bernardino Rebello Cardoso de Menezes.

Continua mal, o importante capitlista sr. José Rodrigues da Silva.

Esteve nesta cidade o abastado proprietario sr. Antonio José Antunes Machado.

Tambem aqui esteve o nosso amigo sr. Manuel Antonio Correa.

Esteve nesta cidade o illustre advogado sr. Dr. Pires de Lima.

NOTICIARIO

«Echos de Guimarães»

O proximo numero do nosso semanario será publicado na quinta-feira, 1 de Fevereiro.

Missa

Na quinta-feira proxima, o nosso amigo e antigo deputado da Nação, sr. Dr. João Santhiago, manda celebrar na sua casa da Lama, uma missa suffragando as almas das Heroicas Victimias do Primeiro de fevereiro de 1908.

Ao «Echos do Minho»

A este nosso illustre e distincto collega agradecemos muito penhorados as amaveis palavras com que sempre se refere ás pessoas do nosso director e redactor.

O «Echos do Minho», é um diario que se impõe pela recta conducta do seu proceder, com que sempre se tem norteado.

Baptisado

Foi ultimamente baptisado na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira um filhinho do nosso querido amigo e distincto professor e official superior d'infantaria 20, sr. Major Alcino Machado.

O lindo petiz recebeu o nome de Antonio Emilio.

Concerto

Na 2.^a feira ultima realizou o sr. Americo Angelo, laureado artista, um concerto symphonico, no theatro D. Afonso Henriques.

Todos os executantes se houveram bem, motivo porque colleham applausos da selecta e numerosa assistencia, que retirou agradavelmente impressionada.

O proximo concerto é no dia 7 de fevereiro.

O Orpheon

Têm continuado os ensaios no theatro Gil Vicente.

Tudo corre de molde a dizer-se que dentro de pouco o Orpheon Vimaranesense fará a sua apresentação, que deve resultar um verdadeiro acontecimento para Guimarães.

Capellães Militares

Vae-se organizar nesta cidade uma commissão para angariar donativos para o subscrição Nacional referente aos Capellães Militares, que hão-de acompanhar as expedições portuguezas aos campos da batalha.

«A Democracia»

Entrou no seu 3.^o anno o nosso presado collega da Covilhã, «A Democracia», motivo porque o saudamos, desejando-lhe o maior numero de prosperidades.

S. Braz

No dia 4 realisa-se na capella do Espirito Santo, S. Lourenço de Sande, uma festividade ao S. Braz, havendo no final arraial, que costuma ser muito concorrido.

De luto

Pelo fallecimento de seu irmão encontra-se de luto o nosso presado amigo e digno solicitador encartado sr. Francisco Faria, que cumprimentamos, sentindo o golpe que o feriu tão duramente.

Expediente

Prevenimos os nossos presados assignantes que vamos proceder á cobrança da assignatura do 2.^o semestre do 3.^o anno, prestes a vender-se.

Não é ou não deve ser estranho a ninguem que a imprensa atravessa uma crise tremenda, devido á enorme carestia do papel. Esperamos por isso de todos a sua necessaria coadjuvação pagando pontualmente os seus debitos, para ver se conseguimos ir singrando com esta barca sem metter agua que a afunde, que é o que está reservado a grande parte dos nossos collegas, e nós naturalmente com elles, se nos faltar o pagamento a tempo e horas.

E' de sacrificios a hora presente. Que todos se lembrem d'esta verdade, pois do jornalismo se sustentam numerosas familias que terão de soffrer as maiores privações e até a fome, se porventura não for possivel ás emprezas sustentar os seus periodicos.

LIVRARIA RELIGIOSA

Annexa á
Papellaria e Typographia Minerva Vimaranesense
68, Rua de Payo Galvão, 72
GUIMARÃES

LIVROS A VENDA:

Os Benefícios da confissão, por F. J. d'Ezerville, accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 60 paginas, em 8.^o:
Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

As Bem-aventuranças evangelicas postas ao alcance de todos, pelo Padre Deville, Doutor em Theologia. Tradução do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um volume de 64 paginas, em 8.^o:
Em brochura 50 réis
Cartonado 100 "

Conselhos sobre a educação, segundo o Veneravel Sarnelli. Accommodação portugueza do Padre José Lopes Leite de Faria, com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. Um vol. de 112 pag., em 8.^o:
Em brochura 100 réis
Cartonado 160 "

Por que não haveis de commungar todas as manhãs em que ides á Missa? Opusculo altamente louvado por S. Santidade Pio X, traduzido pelo Padre José Lopes Leite de Faria e publicado com auctorização do Ex.^{mo} Arcebispo Primaz. 32 paginas, em 8.^o—2.^a edição:
Avulso, franco de porte. 30 réis
Para propaganda, por cada 10 exemplares, pelo correio, 225 réis. De 100 exemplares para cima, cada um, franco de porte, 20 réis.

Officio da Immaculada Conceição, texto portuguez, com approvação ecclesiastica. Um folheto de 32 paginas, em bom papel:
Preço 20 réis
Pelo correio, por cada 5 exemplares 10 "

Pedidos acompanhados da importancia, a Antonio Luiz da Silva Dantas.

NINHARIAS

POR
José de Azevedo e Menezes
Refutação documentada dos erros commettidos pelo sr. Anselmo Braamcamp Freire nos seus estudos publicados acerca dos Farias, de Barcellos.
A venda na Papellaria e Tabacaria Lemos, Rua da Rainha.
PREÇO 800 RS.

«Portugal Filatelico»

Interessante revista mensal illustrada muito util aos colleccionadores de sellos e postaes illustrados. Larga informação e muito divulgada em todos os paizes.
Assignatura por anno 400 réis.
Todos os colleccionadores devem pedir hoje mesmo um numero «specimen» que se remette gratis.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administracção: Campo de Sant'Anna, 110—Braga. (6)

O que todos devem saber

Revista semanal illustrada
Director: FRANCISCO DE ALMEIDA
Auctor do Dicionario das Seis Linguas

BASES DA PUBLICAÇÃO

O que todos devem saber sahirá todas as semanas, em 8 paginas de texto acompanhadas de uma pagina artistica impressa em papel couché

ASSIGNATURA

Paga no acto da entrega

Numero avulso 40 rs.
Tomo de 32 paginas 160 "

Paga adeantadamente

Por anno—52 n.^{os} formando um volume de 416 pag.. 15500 rs.
Por semestre—26 n.^{os} 800 "
Por trimestre—13 n.^{os} 450 "

Não se enviam quaesquer exemplares, nem se tomam assignaturas que não venham acompanhadas da sua importancia, afim de evitar embaraços ao serviço da administração

ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Como vantagem proporcionada aos assignantes, a Empreza facilitar-lhes-ha gratuitamente os preços de machinas, ferramentas e productos de qualquer genero que na publicação forem annunciados por fabricantes e constructores, quer nacionaes quer estrangeiros. Da mesma forma responderá ás consultas que se lhe dirijam relativas a assumptos geraes, e encarregar-se-ha da compra de machinas, apparelhos, instrumentos, etc., portuguezes e estrangeiros, devendo as suas importancias ser antecipadamente remetidas em vale do correio.

Na rubrica—CORRESPONDENCIA—estará em relação com todos os seus assignantes e leitores

Redacção e Administracção

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135—LISBOA
Editores: ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD.

Novidade litteraria

O VALOR DA RAÇA

Introdução a uma Campanha Nacional

Por ANTONIO SARDINHA

(Antonio de Monforte)

Como apresentação inserimos os titulos dos capitulos d'este monumental trabalho de investigação historica e primor de litteratura portugueza:

- A Verdade Portugueza
- A hypothese do Homo Europæus
- O genio occidental
- O espirito da Atlantida
- A theoria da Nacionalidade
- Integralismo Lusitano

Um volume de 240 paginas em bom papel, grande formato, 600 réis
Accresce o porte do correio, 50 réis

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos acompanhados da respectiva importancia aos

Editores:

Almeida, Miranda & Sousa, Ltd.

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135

LISBOA

A EQUITATIVA DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida
Seguros de Vida—Seguros Terrestres e Maritimos
Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510,207\$80
Indemnizações pagas, Esc. 301,265\$34

SEDE SOCIAL LARGO DE CAMÕES, 11 LISBOA

NESTA CIDADE — O consoçio Antonio Luiz da Silva Dantas.
Rua de Payo Galvão, 70.

VITALIA

O Salgado com casa de modas, fazendas brancas, miudezas, chá preto e verde e vinhos finos da Ferreirinha é o unico depositario em Guimarães da VITALIA o melhor renovador do cabello infantil contra a caspa. Desconto aos revendedores.

RUA 31 DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante commissões modicas—de receber e fazer prompta remessa de rendas de casas, juros, dividendos e amortizações de quaesquer titulos, pagaveis naquella capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalizá-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.^a e João Reynaldo, Coutinho & C.^a; e em Portugal: nesta cidade com o Snr. Francisco Joaquim de Freitas.

Ultima novidade scientifica

Qual é a fórmula da Terra?

POR

Mariotte

O livrinho "Qual é a fórmula da Terra?", que constitue o primeiro volume da nova colleção *Sciencia Popular*, destina-se a expôr ao grande publico a historia do grande problema scientifico da fórmula do nosso-planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o summario dos capitulos:

I A imagem do mundo dos antigos

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos.—A imagem da Terra entre os gregos.—A imagem da Terra durante a Idade-Media.

II Theoria da esphericidade da Terra

Observações que mostram a rotundidade da Terra.—As primeiras medidas das dimensões da Terra.—Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões da Terra.—Principio da medida d'um arco de meridiano.—O Padre Picard verdadeiro fundador da geodesia.

III O achatamento terrestre

O problema do achatamento por, posto pelas theorias de Newton e pelas observações de Richer.—Uma controversia celebre: cassinistas e newtonistas.—Valor do achatamento polar. Systema metrico.

IV A fórmula da Terra e as oscillações do pendulo

O pendulo e as suas leis d'oscillação.—Efeito da força centrifuga.—As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo.—Formula de Clairaut.—Anomalias da gravidade.—O geoido.

V Theoria tetraedrica da fórmula Terra

Principio do systema tetraedrico.—Consequencias geographicas da forma tetraedrica.—Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental.—A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade.—A theoria tetraedrica e a distribuição dos tremores de terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 réis

Editores—ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA (Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha
Anno 1\$800 rs.
Semestre 650 "
Trimestre 350 "
Estados U. do Brazil (anno) . . . 2\$000 "
Paizes da União Postal 2\$500 "
Numero avulso 30 "

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES (Pagamento adeantado)

Annuncios e communicados, linha 60 rs.
Repetições, por linha 20 "
Permanentes, contracto convencional.
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um 100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.
Annuncios, não judiciaes, para os srs. assignantes, 25 % de abatimento.

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opusculo, precedido da narração do

interessante episodio que determinou a sua publicação.
PREÇO, 60 RS.

Pedidos á Typ. Minerva Vimaranesense R. Payo Galvão—Guimarães.
Pelo correio 65 rs.

Echos de Guimarães

III Anno PUBLICAÇÃO SEMANAL Num. 40

Ex.^{mo} Snr.